



FALAS DO FALO, DA BOCA DO CORPO

(Ciclo) – **Herberto Hélder**

Amor, pois que é palavra essencial – **Drummond de Andrade**

Epithalamium (excertos) – **Fernando Pessoa**

Nosso Senhor! Como ando eu coitado – **Martim Soares**

Nunca te foram ao cu – **António Botto**

Todos quanto aqui estão – **António Lobo de Carvalho**

Não lamentes, ó Nise, o teu estado – **João Vicente Pimentel Maldonado**

Naquelas eras corruptas – **Camilo Castelo Branco**

Este que vês aqui, formosa dama – **António Lobo de Carvalho**

É pau e rei dos paus, não marmeleiro – **Bocage**

Que gentil feição de damas – **Diogo Fogaça**

Donzela, qualquer um entenderia – **Pero D'Armea**

A Quinteira da Panasqueira – **António Maria Eusébio, o Calafate**

Do Gosto dos Namorados – **D. Tomás de Noronha**

Para curar Ana Lopes – **D. Tomás de Noronha**

Deu, Senhora, por sentença – **Luís de Camões**

Marinha, o teu folgar – **Afonso Eanes de Cotom**

Maria Mateu, ir-me quero além – **Afonso Eanes de Cotom**

Dizem que o rei cruel do Averno imundo – **Bocage**

São os cornos dos maridos – **José Agostinho de Macedo**

Coro de Escarnho e Lamentação dos Cornudos em volta de S. Pedro – **Luiz Pacheco**

Padre Frei Francisco – **João de Deus**

A Martinhada (excertos) – **Caetano José da Silva Souto Maior**

Outra vez a seus pés me lanço aflito – **Anónimo do século XVIII**

Pois mediste assim crua – **Fernão da Silveira**

Farsa de Inês Pereira (excerto) – **Gil Vicente**

Pedi eu o cono a uma mulher – **Pero Garcia D'Amboa**

Mulata Margarida – **José Craveirinha**

A Cena do Ódio (excertos) – **Almada Negreiros**

World's News – **Ary dos Santos**

TÁBUA DOS POETAS

HERBERTO HÉLDER (1930) – É considerado um dos mais originais poetas vivos da língua portuguesa.

Inicialmente influenciado pelo movimento surrealista, a crítica literária aproxima agora a sua linguagem poética do universo da Alquimia, da mística, da mitologia edipiana e da Imago da Mãe.

Recusou o Prémio Pessoa em 1994.

DRUMMOND DE ANDRADE (1902/1987) – Nascido em Minas Gerais, licenciou-se em Farmácia tendo sido, durante a maior parte da vida, funcionário público.

Pertenceu ao movimento modernista e a sua obra, das mais importantes da poesia Brasileira, foi marcada pela ironia e pelas preocupações sociais, abrangendo também a espiritualidade. A partir de 1980 e até ao último livro, o erotismo ganhou um espaço considerável na sua poesia.

FERNANDO PESSOA (1888/1935) – Fernando António Nogueira Pessoa nasceu e morreu em Lisboa. Tendo-se a mãe do poeta instalado na África do Sul, em virtude de um segundo casamento, aí fez os seus estudos, frequentando a Universidade do Cabo. De regresso a Lisboa, matriculou-se no curso superior de Letras, que abandonou para trabalhar como correspondente comercial.

Empreendendo um caminho inovador, a eclosão do Modernismo é polarizada na revista «Orpheu», de que Fernando Pessoa é um dos directores.

A maior parte da sua obra, quase toda inédita, foi editada postumamente.

A sua singularidade é, hoje, um facto reconhecido além fronteiras, onde o poeta é considerado um dos maiores do século. A complexa profundidade da sua obra desdobra-se no jogo dos conhecidos heterónimos, a que chamou «um drama em gente».

O poema «Epithalamium» («English Poems III») foi publicado em 1921. A tradução de Natália Correia veio projectar uma nova luz sobre o mundo erótico do poeta. «Epithalamium» estilisticamente parece ser o cerne do desdobramento do poeta no diurno Ricardo Reis das «Odes» e no nocturno Álvaro de Campos; Fernando Pessoa tece um dos mais intensos e deslumbrados cânticos ao êxtase da carne, que repudia outra moral que não seja o genuíno triunfo dos impulsos afrodisíacos.

MARTIM SOARES (século XIII) – Foi contemporâneo de D. Dinis. Uma rubrica que acompanha uma cantiga sua, diz-nos que o poeta, era de Riba de Lima, no Minho, e «que trovou melhor do que todos que trouxeram e assim foi julgado entre os outros trovadores». Mais tarde fixou-se em Santarém.

Relacionando-se em Espanha com os trovadores provençais durante o reinado de Fernando III, o trovador português absorveu a estética dos trovadores occitânicos, que ressalta na preocupação artística das suas composições.

Ao género escarninho e maledicente, dedicou parte da sua inspiração, revelando uma virulência licenciosa que o coloca entre os mais notáveis autores do nosso cancioneiro burlesco.

ANTÓNIO BOTTO (1902/1962) – António Tomás Botto nasceu em Concovada, concelho de Abrantes e morreu no Brasil.

A parte mais significativa da sua obra foi reunida num só volume «Canções» (1941, primeira edição definitiva).

Foi António Botto o poeta que mais influência exerceu na poesia portuguesa do tempo, facto este sublinhado por Fernando Pessoa, influência essa mais epidérmica do que profunda. A sua suprema originalidade reside, sobretudo, no desassombro com que procura redimir o lado negro do erotismo, disputando luminosamente a homossexualidade a uma maldição que até aí a aprisionava à grilheta da sátira ou da musa obscena.

ANTÓNIO LOBO DE CARVALHO (1730/1787) – Nasceu em Guimarães e viveu e morreu numa água furtada numa rua da Madragoa, donde lhe veio o apelido de Lobo da Madragoa. O seu feitio turbulento, talvez coadjuvado pelo desforço das vítimas das suas diatribes satíricas, valeu-lhe mais do que uma vez a reclusão na cadeia da cidade. Enquanto vivo, implacável no escárnio desbragado, gozou de grande popularidade, sendo as suas produções, quase todas sonetos, avidamente decoradas e sucessivamente copiadas.

Lobo de Carvalho, não só merece um lugar de destaque entre os satíricos portugueses, como deve o seu nome, obscurecido pela ignorância ou pelo preconceito dos cronistas literários, figurar na galeria dos relevantes poetas portugueses, posto que, pelo quilate poético, superou a circunstancialidade da sátira.

JOÃO VICENTE PIMENTEL MALDONADO (1773/1838) – Nasceu em Lisboa. Formado em Leis e Cânones pela Universidade de Coimbra, exerceu a magistratura. Fervoroso adepto do Liberalismo foi preso em 1810 e mais tarde em 1828, sofrendo desta vez uma longa reclusão devido à odiosa perseguição que lhe moveu o padre José Agostinho de Macedo. O triunfo do Liberalismo resgatou-o destes infortúnios, proporcionando-lhe o lugar de arquivista das Cortes.

Poeta da escola arcádica, Pimentel Maldonado revelou bastante talento, sendo elogiado por Garrett. Cabe-lhe ainda o mérito de ser o verdadeiro autor do soneto «Não lamentos, ó Nise, o teu estado», por engano atribuído a Bocage.

CAMILO CASTELO BRANCO (1825/1890) – Nasceu em Lisboa e suicidou-se em São Miguel de Seide. A feição satírica é uma das muitas facetas do seu génio predestinado a brilhar na prosa, onde fez da virulência prestidigitação, para fabricar das mais brilhantes páginas da nossa literatura polemista.

A quadra que aqui o representa, fruto de um feliz repente, foi exarada pela mão do romancista no final do livro «D. Afonso VI e Sua Sereníssima Esposa», tendo sido encontrada por Natália Correia na biblioteca que foi de Manuel Cardozo Marta.

BOCAGE (1765/1805) – Manuel Maria Barbosa du Bocage nasceu e morreu em Setúbal. Alistase na Armada Real como guarda-marinha e parte para Goa em 1786. Promovido a tenente, é colocado em Damão, de onde desertou por terem as suas sátiras concitado a animosidade da enfatuada fidalguia aí implantada. O governador deportou-o para Macau, onde o poeta se

achou na mais negra miséria, recorrendo à mendicidade, até que regressou à Metrópole em 1790. Aí, entra para a Nova Arcádia, mas o génio intemperado afasta-o do convívio de uma literatice enfática.

Em 1797, os seus ideais de livre-pensador e a libertinagem dos seus costumes e dos seus versos entregam-no à alçada da Inquisição, preso na cadeia do Limoeiro, de onde sai, a breve trecho, depois de ser doutrinado pelos oratorianos, arrastando durante os oito anos que lhe restam de vida uma existência marcada pela paixão, a miséria e a doença.

DIOGO FOGAÇA (século XV) – É um dos poetas da família Fogaça representada na «Cancioneiro Geral» através de mais de um poeta. Parece ter estado presente quando do falecimento de D. João II.

Na reduzida produção que dele compilou Garcia de Resende, sobressai o carácter licencioso, revelando neste género mais talento do que no lirismo de cunho amoroso.

PERO D'ARMEA (século XIII) – Trovador galego, contemporâneo de Pêro D'Ambroa, dele se conhecem 18 textos poéticos. É, no entanto, considerado um poeta-padrão da época trovadoresca, especialmente no que respeita às cantigas de amor.

ANTÓNIO MARIA EUSÉBIO, O CALAFATE (1820/1911) – Poeta popular, veio a ser conhecido pelo nome de Calafate, profissão que tomou aos 20 anos.

Guerra Junqueiro, exalta-o com as seguintes palavras: «Não sabendo ler nem escrever, és um grande poeta, meu ignorante e ignorado cantador de Setúbal.»

Calafate era pois analfabeto; ditava os seus poemas a um marçano.

Viam-no acompanhado por um guitarrista, cantar ao desafio, pródigo de uma veia satírica pronta na improvisação, tardo jogral num mundo onde o veio genuíno da poesia popular era submetido pela produção aculturada, convertida em jóia de escaparate.

Morreu, após uma velhice amargurada pela cegueira.

D. TOMÁS DE NORONHA (?/1651) – Presume-se ter nascido nos finais do século XVI e morreu em idade avançada. Fidalgo de linhagem, mas carecido de meios, porventura dissipados numa vida libertina, ele assim o confessa: «E que importa nascer honrado e nobre/ se a fortuna me fez patife e pobre?»

Entre os poetas que figuram na «Fénix Renascida» sobressai a figura mordaz deste notável satírico, que com justiça merece ser considerado um dos seus nomes mais importantes.

Entendeu, porém, o editor da «Fénix» não dar lugar às obras «profanas e impúdicas». É, pois, bem mitigada a representação de D. Tomás de Noronha na antologia dos gongóricos, atendendo á vastidão da sua obra manuscrita. Algumas poesias inéditas foram reveladas por Natália Correia na «Antologia de Poesia Erótica, Burlesca e Satírica».

LUIS DE CAMÕES (1524?/1580) – O puritanismo fundamentalista viu no famoso episódio da «Ilha dos Amores» (cantos IX e X dos «Lusíadas»), obra indecorosa e indigna. Como poeta amante, revela-se nos seus versos a vibração do amor sensual, por vezes aliado a um humor sadio.

Na cantiga «Deu, senhora, por sentença», Camões tira um partido erótico de uma dama que o atraía, manifestando uma atrevida mas delicada galanteria.

AFONSO EANES DE COTOM (século XIII) – Seria, como sugere o seu apelido, natural da Corunha. Cultivou quase exclusivamente a sátira, na qual nos deixou treze das quinze cantigas que lhe são atribuídas e que se julga serem a expressão real da sua vida de frequentador de tabernas e bordéis, protótipo do segrel ou do nobre degradado.

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO (1761/1831) – Nasceu em Beja e morreu em Lisboa. Professou na Ordem de Santo Agostinho, mas o seu carácter indisciplinado e pouco escrupuloso determinou a sua expulsão, conseguindo passar a presbítero secular. Convertido a feroz paladino do Miguelismo absolutista, nele empenhou o seu iracundo temperamento de polemista, encarniçando-se contra os «pedreiros livres» com implacável sectarismo. Fez parte da Nova Arcádia. Ostentando grande erudição filosófica foi impiedosamente satírico e neste tom exprimiu os humores da sua virulência.

LUIZ PACHECO (1925/2008) - «Visto por ele mesmo:

Luiz José Machado Gomes Guerreiro Pacheco nasceu em 7 de Maio de 1925 e espera morrer no ano 2000. Está bem disposto, porque está desempregado. Publicou muitos livros de outros autores. Não se lembra de publicar nada (dele) que prestasse. Escreveu muitas obras e perdeu quase todas. Teve três mulheres, nove filhos, e, netos, nem conta. (...) Teve 18 valores na admissão. O Urbano teve 12.»

Importa acrescentar o seguinte:

Enquanto editor, selectivo e exigente, divulgou personalidades literárias como Mário Cesariny, António Maria Lisboa, Herberto Helder. Luiz Pacheco, libertino (a vontade de ser livre), cultivou um tipo pessoalíssimo de ficção, genuína, radical e desafiante, rebelde a enquadramentos estéticos. Um humor de carácter extravagante desdobrou-o em observador do protagonista que encarna. Na dialéctica do sublime e do objecto, o seu humor exerce-se no sentido, mais implacavelmente popular, da jocosidade vicentina e da diatribe burlesca.

JOÃO DE DEUS (1830/1896) – João de Deus Ramos nasceu em São Bartolomeu de Messines e morreu em Lisboa, encontrando-se a sua obra poética reunida em «Campo de Flores» (1893) por iniciativa de Teófilo Braga.

Mais do que tudo teve a sua poesia o mérito de contrapor-se, por uma espontaneidade de linguagem e singeleza lírica, ao Ultra-Romantismo, então seródio.

João de Deus cultivava depois um lirismo mais enfático, onde o erotismo sentimental ocupa não pouca importância, acabando por consagrar-se à campanha pedagógica da sua obra, a «Cartilha Maternal», que lhe inspira cânticos para as crianças e algumas poesias satíricas de combate aos que o estorvavam com o flagelo da rotina. Ao género satírico dedicou, aliás, não poucas composições.

CAETANO JOSÉ DA SILVA SOUTO MAIOR (?/1739) – Nasceu em data incerta em Olivença.

Corregedor do bairro do Rossio e muito popular entre os seus contemporâneos, valeram-lhe o cargo e a reputação a alcunha de Camões do Rossio.

A tradição atribui-lhe um copioso anedotário que lhe teria conquistado a privança de D. João V, que terá incentivado a composição da «Martinhada», cujos trechos o autor recitava repetidamente, a pedido do monarca.

Considerada a obra-prima do pasquim obscuro, na «Martinhada» a violência tende a misturar-se com a poesia. O herói é o padre M. Martinho de Barros, confessor de D. João V, que ao tempo adquiriu foros de mito pela notória exuberância da sua virilidade.

FERNÃO DA SILVEIRA (século XV) – Ignora-se a data do seu nascimento, mas em 1451 já são conhecidas composições suas. Morreu em Évora no ano de 1493. Foi nomeado por Afonso V para o cargo de Coudel-Mor que a morte do pai deixara vago. D. João II, de quem foi confidante, nomeou-o Regedor das Justiças.

Os seus versos, no «Cancioneiro Geral» de Garcia de Resende, oferecem o interesse peculiar de revelarem muito dos costumes da época. Foi um dos poetas mais mutilados pelo Índice expurgatório de 1624.

GIL VICENTE (?/1536) – Ignora-se quando e onde nasceu, sendo certo que morreu em Évora, após o Natal de 1536. Parece bastante provável a identificação do poeta como ourives da rainha D. Leonor, como consta de um documento da chancelaria que informa ser Gil Vicente «trovador mestre da balança», quando em 1513 lhe é reconhecido oficialmente o cargo de «mestre da balança» da Casa da Moeda de Lisboa.

É com Gil Vicente que se inicia o teatro literário português. Na base da sua obra genial detecta-se o material do teatro medieval, mas esse impulso é rapidamente superado, sendo o desenvolvimento da dramaturgia Vicentina preenchido por uma vivíssima substância teatral que constitui o verdadeiro alvorecer do teatro peninsular e faz o autor, ser reconhecido hoje como um dos nomes mais importantes do teatro Europeu dessa época.

Nas suas comédias, farsas, moralidades e autos, Gil Vicente traça, da sociedade portuguesa dos princípios do século XVI, uma aguda galeria de tipos que personificam o vício, a corrupção e os ridículos de uma humanidade intoxicada pelos fumos das conquistas, não poupando à sua crítica a venalidade eclesiástica.

PERO GARCIA D'AMBOA (século XIII) – Descendente de uma família da pequena nobreza galega, frequentou a corte de Afonso X, o Sábio, mas não obteve grande aceitação entre os trovadores do seu tempo. As suas 11 cantigas de escárnio e maldizer são, porém, das mais violentas e originais quanto a sentido de humor.

JOSÉ CRAVEIRINHA (1922/2003) – Figura tutelar da poesia Moçambicana, é reconhecido como um dos grandes poetas de África e da Língua Portuguesa. Foi Prémio Camões em 1991. Parte da sua obra permanece dispersa e inédita.

Jornalista colaborador de diversos periódicos, esteve preso pela PIDE entre 1965 e 1969, por ser militante da Frelimo e combatente pela independência de Moçambique.

Nota autobiográfica:

«Nasci a primeira vez em 28 de Maio de 1922. Isto num domingo. (...) Chamaram-me Sontinho, diminutivo de Sonto.» (domingo, em língua ronga). «Isto por parte da minha mãe, claro. Por parte do meu pai fiquei José Aonde? Na avenida Zihlahla, entre Alto Maé e como quem vai para o Xipamanine. Bairros de quem? Bairros de pobres.

Nasci a segunda vez quando me fizeram descobrir que era mulato. A seguir fui nascendo à

medida das circunstâncias impostas pelos outros. (...)

Quando meu pai foi de vez, tive outro pai: seu irmão. (...) Quando a minha mãe foi de vez, tive outra mãe: Moçambique. A opção por causa do meu pai branco e da minha mãe preta. (...)

Uma luta incessante comigo próprio. Autodidacta. Minha grande aventura, ser pai. Depois, casado. Mas casado quando quis. E como quis.

Escrever poemas, o meu refúgio, o meu País também.»

ALMADA NEGREIROS (1893/1970) – José Sobral de Almada-Negreiros nasceu em Lisboa. Em 1919 foi estudar pintura em Paris. De 1927 a 1932 fixa-se em Espanha, onde desenvolve a sua actividade artística, impondo-se no círculo dos modernistas espanhóis. Foi um dos componentes do grupo «Orpheu» e colaborador da revista «Portugal Futurista». A sua personalidade, a mais tumultuosa de «Orpheu», incarna a síntese das perspectivas revolucionárias e o arejamento estético que vem arrepiar a inércia da arte aburguesada, convertendo a sua acção em pedra angular da arte portuguesa contemporânea.

Almada-Negreiros rompeu todas as vias à modernidade, que em qualquer direcção, inevitavelmente se defronta com as expressões revolucionárias da sua genial pluralidade. Na «Cena do Ódio» revela-se quer pela forma, quer pelo conteúdo um poeta mais próximo da vanguarda ulterior. O humor dramático que virá a caracterizar a linguagem surrealista, já ali pulsa em apoteose, reverberando a revolução verbal do Dadaísmo. Por outro lado, importa reconhecer na «Cena do Ódio» toda a consecução do veio poético nacional da sátira de indignação.

ARY DOS SANTOS (1937/1984) – Nasceu e morreu em Lisboa. Frequentou as Faculdades de Direito e de Letras, sem ter concluído qualquer dos cursos. Foi técnico de publicidade. Com uma poesia caracterizada pela abertura à vivacidade formal, se o quisermos integrar no âmbito da sátira nacional, a sua filiação remontará antes, pelo jogo verbal, particularmente brilhante, à sátira individual, que os poetas do «Cancioneiro Geral» usaram como elemento dinamizador de matéria poética.

No satisfazer da distorção da linguagem realiza uma originalidade formal, visto ser o formalismo génese da sua forma de expressão. Por esta via, o poeta rumou ao encontro do dadaísmo pré-surrealista, que pulveriza a ordem para descobrir a ordenação da desordem. A sua derradeira poesia veio a adquirir uma forte componente política.

(Estas referências biográficas foram, em boa parte, organizadas a partir das notas de Natália Correia para a «Antologia de Poesia Erótica e Satírica»)